

UMA ANTROPOLOGIA COM INTERFACE NA DANÇA: uma entrevista com Tatiana Barros

Anita de Abreu Noleto¹

Tatiana Barros Souza²

Resumo: Esta entrevista foi realizada com a antropóloga Tatiana Barros e tem como objetivo compreender as possibilidades de articulação entre a Antropologia e a dança no campo profissional. A metodologia adotada consistiu em uma entrevista semiestruturada, conduzida por meio de videochamada, posteriormente gravada, transcrita, editada e revisada pela entrevistada. Como resultados, a conversa evidenciou trajetórias profissionais que integram práticas artísticas e conhecimentos antropológicos, destacando a atuação na gestão e mediação cultural em contextos transnacionais. Foram apontados caminhos que envolvem a utilização de ferramentas da antropologia, como a escuta, a observação e a análise cultural, articuladas a processos criativos e à difusão artística, especialmente no âmbito da cooperação cultural entre Brasil e Espanha.

Palavras-chave: Antropologia; Arte; Dança; Gestão cultural; Cooperação internacional.

INTRODUÇÃO

Meu nome é Anita de Abreu Noleto, sou graduanda em Ciências Sociais na Universidade de Brasília (UnB) e artista-dançarina. A partir de uma inquietação sobre como relacionar as áreas da Arte e da Antropologia, questionei a professora Soraya Fleischer, que me orientou a realizar uma entrevista com Tatiana Barros. Tatiana é antropóloga, artista e gestora cultural, formada e mestra em Antropologia pela UnB, com ampla trajetória na dança flamenca e na cooperação cultural entre Brasil e Espanha. O objetivo desta entrevista foi compreender como a formação acadêmica e a prática artística se articulam em sua experiência profissional. A metodologia consistiu em uma entrevista semiestruturada, orientada por questões abertas que permitiram à entrevistada elaborar reflexões sobre sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Os resultados evidenciam que Tatiana construiu uma atuação marcada pelo diálogo entre antropologia e artes, utilizando ferramentas de ambas as áreas para difundir e mediar culturas em contextos transnacionais. Sua imersão no flamenco, a produção de documentários na Espanha e sua atuação atual na Embaixada da Espanha³ no Brasil revelam como arte e antropologia podem se complementar na criação de pontes culturais. A entrevista demonstra, assim, que a integração entre pesquisa, arte e gestão

¹ Graduanda na Universidade de Brasília, anitanoletto8@gmail.com.

² Entrevistada - Mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília.

³ Página oficial da Embaixada da Espanha no Brasil: <https://www.exteriores.gob.es/Embajadas/brasilia>.

cultural constitui um campo fértil para pensar a mediação e a cooperação cultural em perspectiva internacional.

Entrevista

Anita: Conte-me sobre sua formação. Onde e quando você se formou na área da Antropologia e das Artes (ou vice-versa)?

Tatiana: Sou formada em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia e Sociologia pela Universidade de Brasília. Também sou mestre em Antropologia Social pela mesma universidade. Minha trajetória nas Artes é ainda mais antiga. Sou de Brasília e desde os 6 anos comecei a fazer cursos de dança. Tive uma formação clássica em balé até os 16 anos, quando também estudava a teoria do balé clássico, seguíamos o método do Royal Ballet. Paralelamente, estudei dois instrumentos musicais: piano e violão. Na universidade, depois de pesquisar bastante, percebi que minha área era mesmo a de Ciências Humanas. Estava em dúvida entre Comunicação, Psicologia e Ciências Sociais. Acabei optando por Ciências Sociais em um contexto histórico curioso: Fernando Henrique Cardoso, sociólogo, estava prestes a se eleger presidente, e isso me inspirou a seguir esse caminho. Hoje trabalho muito com comunicação, mas minha base são as ciências sociais. Toda minha formação até o ensino superior foi em Brasília. E, de certo modo, minha formação em dança e antropologia se entrelaça. Da primeira formação mais institucional até a última, passaram-se cerca de 20 anos. Atualmente, 25 anos depois, vejo que tanto na arte quanto na antropologia, utilizo as ferramentas que essas áreas oferecem, mas me entendo mais como uma gestora desses conhecimentos e das ferramentas que eles se utilizam do que como artista ou antropóloga. Durante anos, trabalhei com a dança flamenca. Minha formação inicial foi no balé clássico, mas depois experimentei outras linguagens, como o jazz e a dança contemporânea. Não me identifiquei com elas. Foi no flamenco que encontrei a possibilidade de continuidade, pois ele reúne dança, música, canto, percussão e instrumentos em uma estrutura extremamente complexa, com cadências rítmicas muito diferentes do que costumamos ver no Ocidente. Comecei a me dedicar ao flamenco aos 19 anos, quando já era antropóloga. Os métodos da antropologia, como a escuta, a observação e o silêncio foram essenciais na minha imersão nesse novo território cultural. Entendi que mais do que ser artista, queria promover essa cultura. Fui para o sul da Espanha, em Sevilha, onde morei sete anos. Lá, além da formação em flamenco, me aproximei da antropologia visual. Realizei dois documentários: um sobre

mulheres estrangeiras no flamenco⁴ (Otras Flamencas, 2024) e outro sobre a migração marroquina na Espanha⁵, por meio das histórias de duas jovens (Salwa & Nawal, 2024). Ambos disponíveis no canal do youtube. Foi nesse contexto que percebi que minha atuação não seria como bailarina, mas como gestora e programadora cultural. Também me tornei cidadã espanhola e comecei a estudar mais profundamente as culturas tradicionais espanholas, tão diversas e ricas quanto as brasileiras. A partir de 2003, decidi que meu trabalho seria gerir o conhecimento que adquiri em ambas as áreas.

Anita: E desde então, como tem sido a sua atuação a partir da Antropologia e da Dança?

Tatiana: A Dança me deu uma profunda noção de espaço e tempo; a Antropologia, a habilidade de observar interações. Hoje, trabalho como assessora na seção cultural da Embaixada da Espanha no Brasil. Atuo há sete anos na promoção de artistas e cultura espanhola, utilizando ferramentas da dança e da antropologia como por exemplo para mediar as traduções culturais entre esses dois países. Defino-me como uma tradutora, mediadora ou cooperadora cultural, unindo as riquezas do Brasil e da Espanha. Trânsito entre o trabalho institucional e o não institucional, fazendo essa ponte por meio do conhecimento, metodologias e ferramentas nas artes e na antropologia.

Anita: Os seus primeiros trabalhos profissionais foram ainda na graduação e pós-graduação?

Tatiana: Sim. Durante a graduação e o mestrado, trabalhei tanto com pesquisa quanto dando aulas de dança. Já na Espanha, fiz a transição da pesquisa para a produção/gestão cultural — tanto no setor público quanto no privado, com eventos de dança e cinema. Na graduação, participei de projetos científicos como o PIBIC. No mestrado, fui bolsista da CAPES. Paralelamente, já atuava com dança flamenca. Um dos projetos mais importantes na graduação, por exemplo, foi o "Fala Interno: o direito humano da palavra no cárcere", coordenado pela antropóloga professora Rita Segato, que eram oficinas de arte com presos na Papuda. Selecionamos internos que produziam arte, eram artistas de rap, escritores, músicos, e realizamos oficinas com eles nas quais os professores eram artistas de Brasília. A

⁴ Documentário disponível em: <https://youtu.be/dbCZV5IASqU>.

⁵ Documentário disponível em: https://youtu.be/6_mYvhzE3A0.

observação dessas oficinas servia para compreender as experiências, violências e contextos que levaram aquelas pessoas à prisão. Esse projeto durou três anos e marcou profundamente minha formação. Minha dissertação de mestrado foi baseada nas letras de rap produzidas na Papuda. Muito mais tarde, atuei no Ministério do Desenvolvimento Social como coordenadora adjunta na SENARC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), articulando o Programa Bolsa Família com outras políticas públicas, como o Programa Saúde na Escola e o de Agricultura Familiar. Foi um momento em que trabalhei mais com desenvolvimento social do que com cultura diretamente. Oito anos depois de regressar ao Brasil, eu passei em um concurso da Embaixada da Espanha, na seção cultural, responsável pela cooperação cultural entre Brasil e Espanha. Com base nas diretrizes culturais do Governo da Espanha, mais especificamente, o Ministério das Relações Exteriores de lá, organizamos a promoção das expressões artísticas espanholas no Brasil.

Anita: Esses trabalhos já misturavam as duas áreas?

Tatiana: No início, os trabalhos eram mais separados. A dança e a pesquisa caminhavam em paralelo. Com o tempo, e mais recentemente, elas se fundiram totalmente. A gestão cultural se tornou esse lugar de cruzamento, onde aplico tanto o conhecimento antropológico quanto o artístico. A arte me ensinou a disciplina, a necessidade da repetição, a busca pela perfeição, a antropologia, o olhar atento para o outro e para o contexto presente e do passado, a importância da escuta e do saber estar no campo. Ambas corroboram meu trabalho atual.

Anita: Quais os principais postos que você já ocupou?

Tatiana: Já atuei em instituições públicas e privadas no Brasil e na Espanha. Fui professora, bailarina, pesquisadora e gestora cultural. Hoje, trabalho na cooperação cultural internacional, promovendo a arte como um direito. Cultura, saúde e educação devem caminhar juntas — são dimensões que se alimentam mutuamente. A antropologia me ajuda a atravessar essas áreas com mais sensibilidade e compreensão. Ela não oferece respostas prontas, mas propõe perguntas profundas. E a cultura é esse território onde essas perguntas ganham corpo.

Anita: Você trabalhou mais em equipe ou sozinha? Como a Arte e a Antropologia ajudam nos formatos do seu trabalho?

Tatiana: Sempre preferi trabalhar em equipe. Embora tenha feito projetos individuais, acredito na força da colaboração. O trabalho colaborativo é mais sustentável, criativo e

potente. A Arte e a Antropologia são disciplinas irmãs. A Arte é liberdade criativa com necessidade de disciplina e organização. Ela exige rotina, prática e aprofundamento. Os grandes artistas que conheci são pessoas extremamente disciplinadas. A Arte transita entre a liberdade, a disciplina e a busca pela perfeição. A Antropologia oferece um olhar detalhista sobre a sociedade e suas expressões. Um olhar que compreende o esforço envolvido na criação. Por isso, juntas, Arte e Antropologia são poderosas. Toda arte é, de alguma forma, comunitária. Mesmo quando expressa o individual, fala do coletivo.

Anita: Como você incorpora métodos antropológicos na sua prática artística?

Tatiana: Sempre começo com um estudo profundo sobre o que quero criar. Envolve pesquisa primeiro, antes da criação artística. Ao montar um show ou uma exposição, busco compreender os elementos culturais, os atores envolvidos, os significados que atravessam aquela expressão artística. A observação, a escuta e a pesquisa são essenciais.

Anita: Você considera sua arte uma forma de pesquisa? E sua pesquisa, uma forma de Arte?

Tatiana: Sim. A arte é uma forma de pesquisa e vice-versa. A arte envolve investigação do corpo, do espaço, da história e da técnica. Já a pesquisa, se entendida como criação e imaginação, também é arte. Ambas transcendem o racional e se abrem ao sensível, ao simbólico. A arte é o aspecto transcendente do conhecimento e pesquisa envolve conhecimento também. Então eu não consigo enxergar pesquisa sem esse lugar da transcendência também. Só racionalidade não serve. Tudo tem uma completude, a sociedade e o indivíduo são feitos dessa forma, completas, transcendentais e racionais, visíveis e invisíveis. Então a arte tem a acrescentar muito à pesquisa e vice-versa.

Anita: Pode contar sobre um projeto em que o processo criativo tenha sido também etnográfico?

Tatiana: Sim. Um dos principais foi em 2008, ainda em Sevilha. Realizei um documentário sobre mulheres estrangeiras que dançavam flamenco. Foi quase autobiográfico. O projeto foi subvencionado pela Agência Andaluza de Flamenco, hoje Instituto Flamenco Andaluz. O processo incluiu entrevistas e observações que revelaram as diferentes formas como cada mulher estrangeira se relacionava com o flamenco. Foi um trabalho etnográfico intenso, com relatório e filme como produtos finais. Mais recentemente, trouxe ao Brasil um grupo musical

espanhol, liderado pela cantora Karmento, que trabalha com resgate de tradições musicais folclóricas da Castilha-La Mancha (comunidade autônoma no centro da Espanha). Ao organizar a vinda do grupo, estudei os movimentos contemporâneos de revalorização das tradições locais e tradicionais na Espanha. Esse processo também foi profundamente etnográfico. Assim como no Brasil, onde há forte resgate das culturas afro-brasileiras e indígenas, a Espanha vive um movimento semelhante.

Anita: Foi ótimo conhecer sobre a sua trajetória e formação, bem como sua atuação profissional. Agradeço muito pela entrevista.

REFERÊNCIAS

OTRAS FLAMENCAS (legenda português). Direção: Coletivo Otras Flamencas. Espanha, Otras Flamencas Producciones, 2024. YouTube (11 min). Disponível em: <https://youtu.be/dbCZV5IASqU>.

SALWA Y NAWAL. Direção: Tatiana Barros. Brasil, produção independente, 2024. YouTube (10 min). Disponível em: https://youtu.be/6_mYvhzE3A0.

Artigo recebido em 21/12/2025.

Aprovado em 16/04/2026.